

## **“Nossa geração teve pouco tempo, começou pelo fim”: a escrita autobiográfica de Alfredo Sirkis a partir da anistia de 1979 e as memórias da guerrilha perdida**

“Our generation had little time, it started at the end”: Alfredo Sirkis' autobiographical writing after the 1979 amnesty and the memories of the lost guerrilla

**Caio Brito Barreira**

Doutorando em História

Universidade Federal do Ceará (UFC)

caioabarreira@historia@gmail.com

**Recebido:** 15/08/2024

**Aprovado:** 11/10/2024

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo a análise da produção autobiográfica de Alfredo Sirkis a partir do livro, sua edição original e reedições, *Os Carbonários*. A problemática central dessa análise, tendo como metodologia primordial o trabalho com os livros como documentos históricos a partir de Chartier, é a relação da escrita autobiográfica de Sirkis com a redemocratização brasileira e a mobilização da memória sobre o período da ditadura civil-militar de 1964. Para isso, utiliza-se do conceito de “pacto autobiográfico” de Philippe Lejeune e suas relações com a produção de uma escrita sobre o passado que versa com a ideia de representação do real. A grande questão é então, historicizar o local da autobiografia como uma representação do passado na sociedade brasileira, em como esse “pacto” sofre tensões, rupturas e permanências a partir dos processos de anistia e redemocratização dentro da obra de Sirkis.

**Palavras-chave:** Ditadura civil-militar; autobiografia; anistia.

**Abstract:** This article aims to analyze the autobiographical production of Alfredo Sirkis based on the book, its original edition and reissues, *Os Carbonários*. The central problem of this analysis, using Chartier's work with books as historical documents as its primary methodology, is the relationship between Sirkis' autobiographical writing and Brazil's re-democratization and the mobilization of memory about the 1964 civil-military dictatorship. To do this, we use Philippe Lejeune's concept of the “autobiographical pact” and its relationship with the production of writing about the past that deals with the idea of representing the real. The main question, then, is to historicize the place of autobiography as a representation of the past in Brazilian society, and how this “pact” suffers tensions, ruptures and continuities from the processes of amnesty and redemocratization within Sirkis' work.

**Keywords:** Civil-military dictatorship; autobiography; amnesty.

## Introdução

O objetivo central aqui desenvolvido se relaciona com a problematização de narrativas sobre o passado organizadas a partir da escrita autobiográfica de Alfredo Sirkis. Com isso, não pretende-se simplesmente descrever ou explicar os contextos da obra ou vida do autor por si só, mas sim entendê-las como produções intelectuais de seus períodos; relacioná-las com processos históricos que estão imbricadas; e, a partir daí, discutir as relações da sociedade brasileira com o passado autoritário de nossa nação.

Nosso recorte histórico dentro dessa problematização é então dividido em duas noções: o tema das obras e os períodos em que foram escritas. Sirkis possui uma autobiografia intitulada “Os carbonários” que foi publicada pela primeira vez em 1980, porém também utilizamos como fonte as reedições dessa mesma obra entre 1981 e 2014, totalizando 8 exemplares diferentes. A partir de CHARTIER (2014) entendemos o livro como uma produção histórica por si só, não apenas como o veículo ou suporte de sua mensagem (o texto narrado). A narrativa do livro está envolvida e envolve suas capas, quartas capas, textos de prefácios, contracapas, orelhas, resumos, notas de rodapé, documentos em anexos; todos com intenções de autor e de editoração voltadas ou não ao mercado. Esses textos contidos nos livros são historicizáveis aqui a partir do momento em que todos os exemplos dados acima sofrem diversas alterações nas 8 edições diferentes de “Os carbonários”, problematizar essas mudanças é uma das nossas principais metodologias de análise. Procuramos, então, a partir desse exercício, costurar um panorama de indicações que pode nos auxiliar a entender os processos de escrita de si de Alfredo Sirkis sobre a memória da resistência contra a Ditadura Militar, para, assim, produzir um novo entendimento sobre a sociedade brasileira que elaborou, consumiu e consome essas narrativas.

Voltei nove anos depois, num dia de sol. Rio quarenta graus.  
O computador me deu uma colher de chá, o tira devolveu meu passaporte e gozou:  
“Agora que tu vai ficar complexado, né rapaz? Não damos mais bola prá ti.”  
Complexado pela prescrição da minha “periculosidade”? Nem tanto. Me senti apenas  
anistiado e feliz, até segunda ordem. (SIRKIS, 1980, p. 3)

A primeira edição do livro de Alfredo Sirkis<sup>3</sup> é iniciada com um texto assinado pelo próprio autor, datado de 30 de abril de 1980, e intitulado “pré(pós)fácio”. Consiste em uma narrativa de duas

---

<sup>3</sup> Alfredo Sirkis é natural do Rio de Janeiro, participou na juventude da resistência contra a Ditadura Militar, após a anistia e a redemocratização deu continuidade sua participação política no Brasil como autor e político ambientalista. A grafia de seu sobrenome aparece como “Syrkis” em seus livros da década 1980 e como “Sirkis” a partir dos anos 2000, não

páginas e meia sobre o seu retorno ao Brasil após a anistia de 1979 e, como podemos ver no trecho acima, é iniciado com o exato momento em que o autor chega ao País. O prefácio é permeado pelos seus sentimentos com esse retorno, e é iniciado já com um conflito com o regime militar ainda institucionalizado. Sirkis, e outros militantes em retorno, foram anistiados, mas voltam sob governo ditatorial, existe aí um mal-estar explícito na escrita: “agora que tu vai ficar complexado, né rapaz?”.

Ao falarmos de anistia no Brasil, principalmente quando comparamos com outras ditaduras da América Latina, é corriqueiro esse asterisco<sup>4</sup>, o retorno em plena ditadura, mesmo que uma ditadura em abertura, está permeado por esses sentimentos agriados. A narrativa de Sirkis, por exemplo, é marcada pelo “pós”, pelo retorno. A escrita do livro é iniciada ainda em exílio no final dos anos 1970, mas suas revisões finais e edição são produções em um Brasil anistiado pela própria Ditadura. Isso é demarcado já no primeiro prefácio:

Mas a luta continua. Taí o regime com seu jogo de cartas marcadas, suas recaídas, suas doses cavaleares de arbítrio, supostamente residual. Taí essa classe dominante com sua mentalidade escravocrata e seus arroubos totalitários de enrubescer as bochechas rosadas qualquer burguês europeu ou ianque no seu próprio país (aqui dentro é onde eles fazem e acontecem como se estivessem atrasados de século). Taí a corrupção onipresente e a violência nas ruas contra o povo e do povo se assaltando, roendo o próprio fígado como um Prometeu que dispensa abutres. Taí a miséria, o abandono, a crise do modelo, a conta que vai a 60 bi. (SIRKIS, 1980, p. 5)

Entendemos a anistia de 1979 como um ponto central na produção autobiográfica brasileira sobre as ditaduras civil-militares na América Latina do século XX para além do marco editorial em si, que foi expresso principalmente devido ao “retorno” e a vontade de narrar, mas por ser possível analisarmos as relações desses sujeitos históricos, testemunhas do processo ditatorial em retorno, com a produção de memória sobre o período durante a sua reabertura, justamente quando os militares não “dão mais bola” para os anistiados. Como essa nova relação pode ser uma nervura nas relações entre as escritas autobiográficas e a verdade testemunhal?

Este artigo trata da problematização sobre os anos de “transição” política entre a Ditadura Civil-Militar (1964 – 1985), costumeiramente chamado de “abertura” (MOTTA, 2021, página 246), e

---

conseguimos identificar nenhuma explicação para tal alteração. Faleceu no dia 10 de julho de 2020 em decorrência de um acidente de carro. Sirkis também foi vencedor do prêmio Jabuti, em 1981, com a obra *Os Carbonários*.

<sup>4</sup> “Apesar dos indícios de ampla atividade política pela anistia, por parte de militantes, naquele período, pouco dessa atuação se dá a conhecer no contexto presente, em que o debate sobre o processo de abertura e redemocratização estão novamente em pauta, especialmente com a institucionalização da Comissão Nacional da Verdade pelo Governo Federal. Setores dos movimentos de direitos humanos, da Justiça e do próprio Governo Federal disputam com os militares, e também entre si, o direito de rediscutir a Lei da Anistia, aprovada pelo Congresso há 33 anos. Famílias de militantes torturados pelo regime levam seus algozes aos tribunais, a fim de obter o reconhecimento de sua culpa.” (DUARTE, 2012, p. 254)

a Democracia brasileira. Entretanto, uma das grandes questões para a pesquisa é estudar como a memória produzida, através das autobiografias, nos quatorze primeiros anos do século XXI sobre a “abertura” também é em si um movimento social e histórico.

Para isso, utilizamos três fontes para além da produção de Sirkis, elas representam “nós” centrais na trama que traçamos que não coincidentemente chega ao seu “fim” em 2014, com os 50 anos do golpe. A data é a marca da publicação do relatório final da Comissão Nacional da Verdade da última edição de *Os Carbonários*. São elas: a lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979, conhecida como “Lei da Anistia” (BRASIL, 1979); a lei nº 9.140, de 04 de dezembro de 1995, que “Reconhece como mortas pessoas desaparecidas em razão de participação, ou acusação de participação, em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979, e dá outras providências.” (BRASIL, 1995); e o relatório final da Comissão Nacional da Verdade (BRASIL, 2014a). É importante apontar que o historiador ao tratar de uma “fonte institucional” não trabalha apenas o texto literal inscrito no documento, mas também suas revisões, no caso específico das leis que forma revistas, interpretações e consequências sociais. A lei ou o documento institucional não são escritas fechadas em si, mas sim como produções dialógicas (BAKHTIN, 2016) com a sociedade de seu tempo.

Assim como a tapeçaria possui pontas soltas, também possuem as tramas históricas. MOTTA (2021, p.11) afirma, por exemplo, que o processo iniciado com o golpe de 2016 e que escala para o governo autoritário de Bolsonaro é um desenrolar direto das relações entre a forma como as políticas de memória sobre a Ditadura foram empreendidas nos primeiros anos do século XXI e a própria transição política em si que evitou ao máximo o julgamento de militares e civis envolvidos com o regime.

Neste momento em que escrevemos, no qual forças autoritárias e nostálgicas do regime militar retornaram ao poder e mostram-se dispostas a nele permanecerem por qualquer meio, percebemos o custo da transição política conciliada dos anos 1980, cuja prioridade de acomodar os conflitos bloqueou o devido enfrentamento do legado da ditadura. (MOTTA, 2021, página 274.)

Pensamos esse trabalho como uma forma de entender e estudar justamente o processo histórico de formação dessas pontas soltas na tapeçaria que reverberam na sociedade brasileira. Desse modo, a transição política conciliadora está relacionada as crescentes tensões entre o pacto autobiográfico e as “vontades de saber”.

### Os Carbonários: “memórias da guerrilha perdida”

Alfredo Sirkis inicia sua narrativa em outubro de 1967, durante uma manifestação estudantil na cidade do Rio de Janeiro em protesto à ditadura. Uma escrita pessoal e bem pontuada nos conduz por aproximadamente 43 meses da vida política do autor, sua entrada na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR)<sup>5</sup>, os emblemáticos casos dos sequestros dos embaixadores dos Estados Unidos da América e da Alemanha e por fim sua desilusão com a luta armada e o autoexílio para o exterior.

O livro traz descrições profundas sobre os atos políticos do autor, com narrativas elaboradas sobre diversas manifestações em 1967 e 1968, inclusive a *Marcha dos Cem Mil* e diálogos com personagens que na edição mais recente, 2014, são em sua maioria identificados com notas explicativas contando sobre suas profissões no ano da edição, afirmando sua morte ou ainda desaparecimento. Carrega em seu texto uma nostalgia crítica, sempre demarcando seus “erros”, segundo ele mesmo, ou “erros” de seus companheiros.

Os sequestros dos embaixadores<sup>6</sup> são alguns dos pontos mais trabalhados no livro, são longamente descritos durante vários capítulos, cortados por diálogos entre Sirkis e os embaixadores, em ambos os casos o autor foi o intérprete através do inglês, e entre os militantes. Durante os eventos somos apresentados às angústias do autor perante o belicismo do movimento, inclusive com descrições de sonhos nas noites mal dormidas em que aguardavam as negociações com a ditadura. O autor ainda dedica alguns trechos de sua obra para as figuras de Lamarca<sup>7</sup> e Iara<sup>8</sup> seu convívio com os outros militantes da VPR e com o próprio Sirkis.

A narrativa é encerrada após os assassinatos de Lamarca e Iara, já com Sirkis em seu exílio no Chile em busca de dias esperançosos no governo socialista de Allende. O jogo de palavras do parágrafo

---

<sup>5</sup> Organização criada em 1968, por ex-integrantes do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Seu principal objetivo era lutar e resistir contra a Ditadura Civil-Militar e seu maior líder foi Carlos Lamarca. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/6424> Acessado em 5 de março de 2024.

<sup>6</sup> A Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), e Alfredo Sirkis como seu integrante, protagonizou o sequestro de dois embaixadores estrangeiros com o objetivo de negociação para a libertação de presos políticos. Foram eles: Charles Elbrick, embaixador dos EUA no Brasil, no dia 4 de setembro de 1969 e Ehrenfried von Holleben, embaixador alemão, no dia 11 de julho de 1970. Ver: <https://memorialdademocracia.com.br/card/40-sao-trocados-por-embaixador-alemao> Acessado em: 06 de março de 2024.

<sup>7</sup> Carlos Lamarca foi um dos principais líderes da oposição armada à ditadura no Brasil. Militar de formação, desertou em 1969 para lutar contra o regime. Foi considerado pela repressão o inimigo número um do Estado, foi duramente perseguido e assassinado pelos militares em 1971 na chamada “Operação Pajuçara”. Para saber mais ver: <https://memoriasdadtadura.org.br/personagens/carlos-lamarca/> Acessado em: 6 de março de 2024.

<sup>8</sup> Foi militante da Organização Revolucionária Marxista Política Operária (Polop), da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Iara Iavelberg foi morta pelo Estado brasileiro no dia 20 de agosto de 1971. Ver: Memorial da Resistência: <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/iara-iavelberg/> Acessado em 6 de março de 2024.

final encerra o livro com seu início, lemos esse desfecho como uma referência a experiência histórica e política do próprio autor que não se encerra com sua narrativa. O livro em si teve sua escrita finalizada em 1979, porém a sua narrativa é encerrada com a chegada de Sirkis no Chile em 1971. Para a nossa leitura, o ponto final retomando ao início do livro, no entanto, em diálogo com a nossa pesquisa sobre a trajetória do autor é claro, nos remonta aos acontecimentos no Chile não narrados. A história que culmina com sua fuga da ditadura do Brasil é finalizada com a história de sua fuga da ditadura do Chile<sup>9</sup>, mas com o binômio desespero/esperança invertido: “Chile, anoitecer. Santiago, hora do rush” (SIRKIS, 2014, p. 259).

### Uma análise de *Os carbonários* a partir de suas capas

*Os Carbonários* (SIRKIS, 1980) possui cinco capas diferentes distribuídas em dezesseis edições ao longo de 34 anos, entre 1980 e 2014. As alterações realizadas nas capas são diversas e significativas, elas dialogam também com alterações feitas no próprio texto de Sirkis. Nosso objetivo aqui é problematizar essas mudanças relacionando-as com os processos históricos aos quais elas estão intimamente ligadas, não numa relação de causa e consequência, mas como um entranhamento social, uma malha que envolve processos editoriais, novas escolhas do autor, projeções ou horizontes de leitura, objetivos políticos e disputas de memória. Trama que está intimamente ligada também com o pacto autobiográfico na sociedade brasileira à época de cada publicação.

A primeira capa da obra é composta com uma colagem de uma foto em preto e branco, sobre um fundo vermelho que preenche todo o livro. Acima da fotografia, em letras maiúsculas amarelas pode ser lido o título, “Os Carbrrios”, logo seguido pelo subtítulo em letras minúsculas brancas “memórias da guerrilha perdida”. A folha de referência do livro nos indica que a foto é do arquivo pessoal do cinegrafista Sílvio Da-Rin<sup>10</sup> e foi concedida à editora para a publicação do livro. Na imagem podemos observar a cena de uma passeata em plena ditadura militar. Podemos supor devido ao contorno dos prédios ao fundo, que se trata de uma passeata na cidade do Rio de Janeiro, na regi~]ao

---

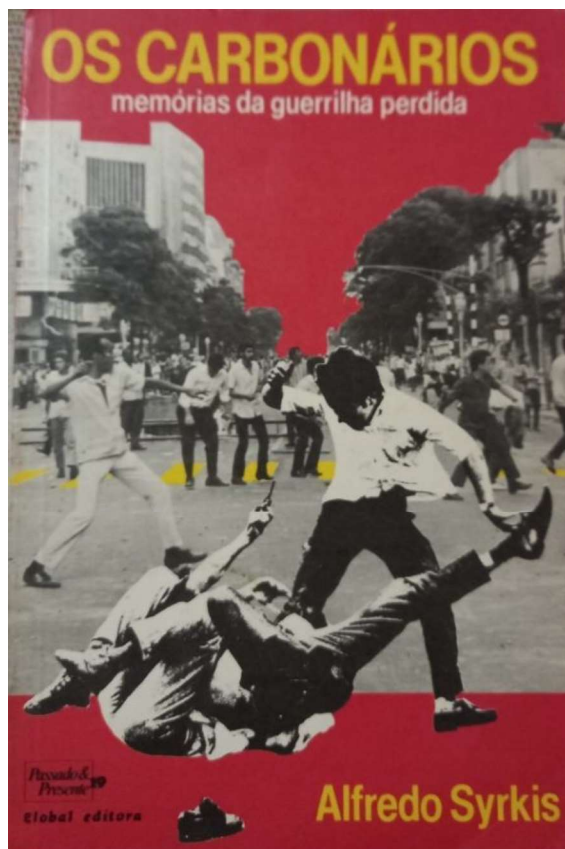
<sup>9</sup> No dia 11 de setembro de 1973 o Chile sofreu um dos golpes mais violentos da América Latina, com os militares bombardeando o palácio federal e assassinando o presidente democraticamente eleito Salvador Allende. Ver: [https://memresist.webhostusp.sti.usp.br/?page\\_id=287](https://memresist.webhostusp.sti.usp.br/?page_id=287) acessado em: 06 de março de 2014.

<sup>10</sup> Cinegrafista carioca autor de diversas obras que versam sobre o cotidiano urbano da cidade do Rio de Janeiro no início dos anos 1980. É diretor do longa “Hércules 56”, de 2006, que tem como personagens os principais articuladores do sequestro do embaixador norte-americano, Charles Elbrick, em 1969, em pleno regime militar. Para saber mais acessar: <https://cpdoc.fgv.br/entrevistados/silvio-rin>



da Cinelândia, no centro da cidade, porém não podemos ter certeza de fato, por não conseguimos encontrar nenhuma referência à fotografia nas obras de Da-Rin e nem outros usos da mesma imagem. O livro de Sirkis narra de forma detalhada duas passeatas no Rio de Janeiro, ambas no ano de 1968, as descrições, porém não são referentes a cena em si mostrada na capa, a passeata que culminou com o assassinato de Edson Luís em 28 de março de 1968 e a “Passeata dos cem mil” em 26 de junho de 1968. Seria lógico supor que a imagem possa ser uma referência a um dos dois acontecimentos históricos.

Imagem 01 - capa de *Os Carbonários*, SIRKIS, 1980.



Fonte: arquivo do pesquisador.

São destacadas na imagem três personagens centrais, dois civis e um militar, em uma cena de conflito desesperado no asfalto do Rio de Janeiro. Pensamos ser seguro supor que o próprio Sirkis não é um dos civis, pois, como já comentamos, a cena em si não é descrita no livro, e, além disso, existem

três capas de *Os carbonários* que utilizam a imagem do autor e em todas elas isso é referenciado na ficha catalográfica do livro. É interessante o sentimento de contradição que a capa evoca ao possível observador, os quatro elementos, título, subtítulo, fundo vermelho e foto em preto e branco; podem ser lidos como um diálogo adversativo, como uma ideia de oposição. As memórias são de uma “guerrilha perdida”, porém a cena na capa representa uma semiótica rara de vitória nessa geração, tanto em um possível contexto histórico, apesar da tragédia da passeata do 28 de março, sua mobilização foi inegável na luta contra a ditadura; caso a cena seja referente a Passeata dos Cem Mil sua perspectiva de vitória pode ser ainda maior; como no ato simbólico em si de colocar em quadro um militante resistindo ao militar.

Escurecia. As luzes da Cinelândia pairavam sobre os faróis dos veículos engarrafados. Hora do *rush*. A sinfonia ansiosa das buzinas, o zumbido daqueles besouros metálicos ecoava nos prédios e se perdia na direção do aterro do Flamengo, de onde eu vinha a passadas largas, apressadas.

Atravessei as pistas, entre os carros e segui pelo passeio, vista atenta à multidão que descia dos edifícios se amontoando pelas calçadas, bares, filas de ônibus.

- Será que vem muita gente à passeata? – Cruzei a praça em frente ao Teatro Municipal e os velhos cinemas, rumo ao ponto de encontro do meu grupo. Meu ânimo oscilava: marés de emoção combativa, pontadas do mais genuíno cagaço. (SIRKIS, 1980, p. 15)

Sirkis tece uma trajetória autobiográfica em suas primeiras páginas a partir desse ato, demonstrando como, segundo ele, a ida ao que seria sua primeira passeata seria a culminância de seus anos estudando no Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia (Cap)<sup>11</sup> da Universidade Federal do Rio de Janeiro, relata de forma jocosa como seu pai afirmava que graças ao colégio o filho teria trocado “no quarto, retrato de John Fitzgerald Kennedy pelo de Ernesto Che Guevara” (SIRKIS, 1980, p. 17). Essa é uma estratégia utilizada por diversas vezes ao longo das páginas de *Os Carbonários*, o autor constrói sua história durante os eventos ligados aos “anos de chumbo” ao mesmo tempo em que narra momentos de sua infância e adolescência que teriam relações com suas ações durante a resistência contra a ditadura, ou mesmo auxiliariam na compreensão de sua história.

---

<sup>11</sup> Projeto de extensão da UFRJ criado em 1948 com o objetivo de propiciar um ambiente pedagógico crítico e construtivo para alunos de licenciaturas da Universidade. Para saber mais acessar: <https://cap.ufrj.br/index.php/sobrecap/historico>



### Carbonários: “conspiradores e guerreiros derrotados”

O título central pode não significar nada à maioria dos leitores brasileiros, os próprios autor e editores tinham alguma ideia disso pois fizeram questão de colocar em todas as edições um pequeno texto anterior ao prólogo onde é explicada a origem da nomenclatura:

“Os carbonários apareceram no início do século XIX em vários reinos da futura Itália. Formavam sociedades secretas, combatiam a tirania e o imperialismo austro-burbônico. Eram os tempos da restauração: da Europa normalizada de Metternich e a ordem monárquica da Conferência de Viena, que pairavam sobre os escombros da Revolução Francesa e da era napoleônica. As sociedades carbonárias eram constituídas por jovens aprendizes, oficiais e suboficiais dos exércitos italianos, profissionais liberais, artesãos e padres do campo. Participaram das revoltas de 1820, em Nápoles, 1821, em Piemonte, e 1831 na Emília Romagna, todas esmagadas.” (SIRKIS, 1980, p. 9.)

A escolha do título, que permanece presente durante todas as edições e reedições da obra, o subtítulo é alterado em 2014, pode representar a relação de Sirkis com sua própria história e sua escrita de si. Além do significado histórico dos *Carbonários*, temos ainda a forma como o autor escolheu elaborar esse significado em seu texto: definindo o grupo do século XIX como sociedades secretas que combatiam a tirania, mas foram *esmagadas*.

O subtítulo da obra possui um sentido menos hermético: “memórias da guerrilha perdida”. Pensando a expressão em diálogo com a foto, um leitor leigo poderia deduzir que o livro trata da ditadura militar brasileira e das diversas guerrilhas utilizadas no período como estratégia de resistência. Esse diálogo, contudo, como já afirmado, é construído de forma adversativa, contraditória. A obra trata das memórias da derrota, mas a fotografia representa um raro triunfo da resistência contra a repressão, diferente de muitas imagens icônicas do período em que vemos civis sendo violentamente agredidos por militares, nesta o sujeito civil está revidando, está em posição ativa de resistência, “carbonário”.

A lei da anistia havia sido aprovada no dia 28 de agosto de 1979<sup>12</sup> após um período de fôlego preso e ansiedade, muitos refletiram sobre a anistia como uma armadilha para prender os exilados, os

---

<sup>12</sup> “É concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexos com estes, crimes eleitorais, aos que tiveram seus direitos políticos suspensos e aos servidores da Administração Direta e Indireta, de fundações vinculadas ao poder público, aos Servidores dos Poderes Legislativo e Judiciário, aos Militares e aos dirigentes e representantes sindicais, punidos com fundamento em Atos Institucionais e Complementares.” (BRASIL, 1979). Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6683.htm#:~:text=LEI%20No%206.683%2C%20DE%2028%20DE%20AGOSTO%20DE%201979.&text=Concede%20anistia%20e%20d%C3%A1%20outras,Art.](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm#:~:text=LEI%20No%206.683%2C%20DE%2028%20DE%20AGOSTO%20DE%201979.&text=Concede%20anistia%20e%20d%C3%A1%20outras,Art.)

militantes e revoltosos contra o sistema ditatorial iniciaram sua lenta volta à pátria que os tinha expurgado, como afirma MOTTA:

Os grandes líderes da oposição de esquerda voltaram em setembro e outubro de 1979, com destaque para Leonel Brizola, Miguel Arraes e Luiz Carlos Prestes. O retorno desses e de outros exilados ilustres gerou recepção entusiasmada e festiva, além de renovar a esperança no campo das oposições. (2021, p. 286)

O mesmo processo, porém, havia perdoado militantes e militares, um acontecimento adversativo como a capa de Sirkis. O autor retorna ao Brasil, após quase uma década, com um “gosto amargo na boca” tentando não ser o “homem que quer, mas se esquece”<sup>13</sup>, com a intenção de publicar suas memórias autobiográficas escritas durante essa década, mas que trazem no título o epíteto “perdida”. Pensamos a partir de MOTA (2016) no conceito de “acomodação” como uma chave de leitura para problematizarmos esse “amargo”, a derrota dentro dos processos de distensão da ditadura.

O caso da anistia é emblemático da transição brasileira, em que as disputas foram temperadas com acordos e acomodações. (...) E o bizarro “autoperdão” para os agentes do Estado prevaleceu, inclusive porque a maioria da oposição, preocupada com problemas mais prementes, o tratou como tema secundário. A demanda de que os agentes repressivos fossem julgados por seus crimes, defendida por uma parte do movimento pela anistia, encontrou pouca viabilidade devido ao frágil apoio político e à presença dos militares no comando do Estado. (...) A acomodação que prevaleceu no processo de anistia, sobretudo envolvendo as elites políticas e sociais, apesar do protesto de um setor da oposição, acabou pavimentando o caminho para situações semelhantes, que seriam a marca da transição brasileira. (MOTTA, 2021, p. 285.)

A percepção comum era de que o regime se encaminhava para o seu desfecho, porém o sentimento expresso na capa e no livro de Sirkis é a derrota, a resignação de que não pode-se retirar a elite militar e política do controle da distensão “lenta, gradual e controlada”.

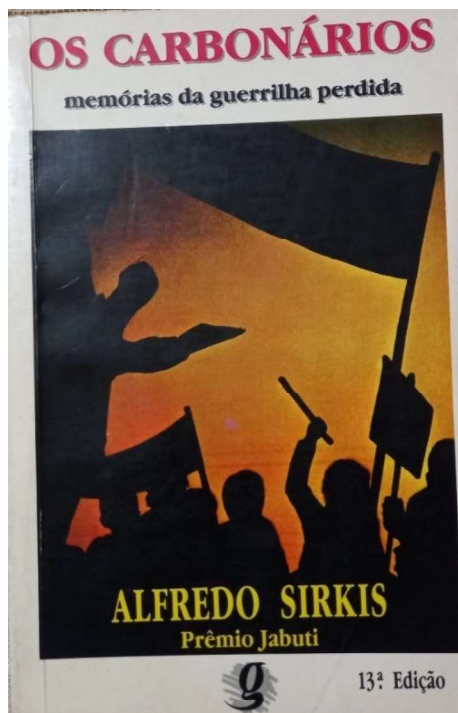
### **As alterações nas capas de *Os Carbonários*: do arquivo público ao acervo do autor**

No ano de 1994, quatorze anos após a sua primeira edição, a obra ganha uma nova capa reformulada:

---

<sup>13</sup> Trechos retirados da música *As profecias*, de Raul Seixas lançada em 1978.

Imagem 02 - capa de *Os Carbonários*, SIRKIS, 1994.



Fonte: arquivo do pesquisador.

A imagem agora está inteligível através das sombras, dos seus sujeitos centrais não podemos apreender característica alguma além do ato de empunhar faixas e cartazes. Pode-se imaginar que continuamos nos cenários de passeatas descritos no livro, mas diversas outras composições estão abertas. As faixas, superior e inferior, poderiam ser, por exemplo as clássicas foices empunhadas por trabalhadores do campo nas imagens registradas das Ligas Camponesas, organizações de trabalhadores camponeses criadas no final dos anos 1940 que adquiriram força renovada nos anos 1960 (MONTENEGRO, 2012, p. 391), ou mesmo uma referência aos carbonários clássicos do século XIX.

Imagem 03 - Ligas Camponesas, autor desconhecido.



Fonte: Arquivo Documentos Revelados. Disponível em:  
<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/camponeses-sao-libertados-no-rs-quando-1-lei-trabalhista-rural-faz-60-anos>

A origem da imagem da capa permanece desconhecida pela pesquisa até o momento de escrita deste teste, ao investigarmos o nome referenciado como responsável por sua elaboração, Claudio Alves Mesquita, não encontramos nenhuma entrada, trabalho ou pesquisa. É interessante como o título central agora passa para a cor vermelha, em nossa cultura política ligada às esquerdas e ao comunismo (MOTTA, 2002). A capa traz ainda, não obstante, a mesma ideia de contradição na representação de uma heroica resistência que foi derrotada em seu tempo.

A décima terceira edição de *Os Carbonários* não possui grandes alterações, se comparada com as anteriores, para além da capa e quarta capa. A cor do livro passa de vermelho para branco e o título de amarelo para vermelho. No corpo da obra percebemos alterações na fonte do texto, mas não no conteúdo escrito em si. Para além disso, os dizeres “prêmio jabuti” são grafados logo abaixo do nome do autor na capa. O prêmio, já era considerado em 1994 como um dos maiores reconhecimentos nacionais ligados a escrita e publicação de livros.

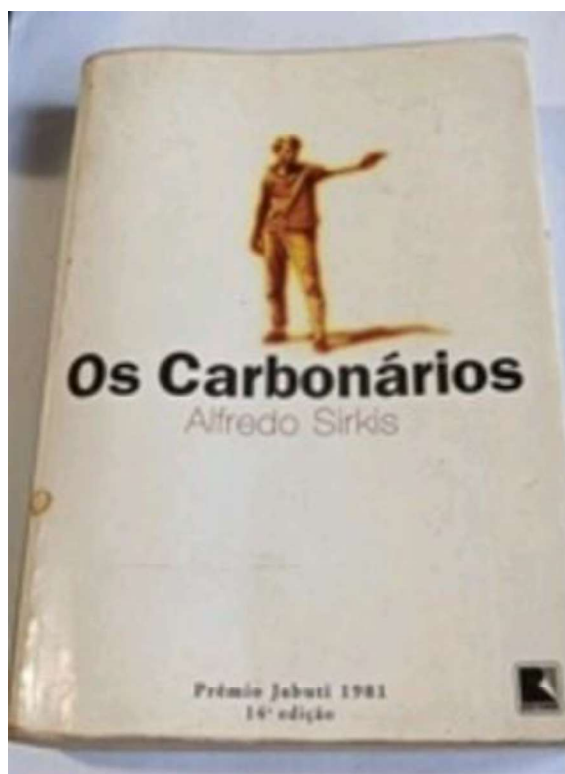
O Prêmio Jabuti foi criado em 1958, por iniciativa da Câmara Brasileira do Livro. Nesse período de existência, houve muitas mudanças, como por exemplo, o número de

categorias. Segundo o Regimento Interno, de 1959, eram apenas sete categorias de premiação: literatura, capa e ilustração, editor do ano, gráfico do ano, livreiro do ano e personalidade literária. Com o passar dos anos, o Prêmio Jabuti foi tomando uma dimensão maior, tornando-se “patrimônio nacional” (Prêmio Jabuti, online), como se autodenomina no site oficial. Cada categoria conta três jurados especializados na área de avaliação, que definem a lista de premiados em: primeiro, segundo e terceiro colocados. (VAZ, 2014, p.15)

O seu destaque na capa pode ser considerado uma estratégia de *marketing* para incentivar as vendas do livro em 1994.

Em 1998 temos uma alteração editorial da obra e agora uma alteração significativa pode ser observada na capa décima quarta edição, agora em uma nova editora, a *Record*:

Imagem 04 - capa de *Os Carbonários*, SIRKIS, 1998.



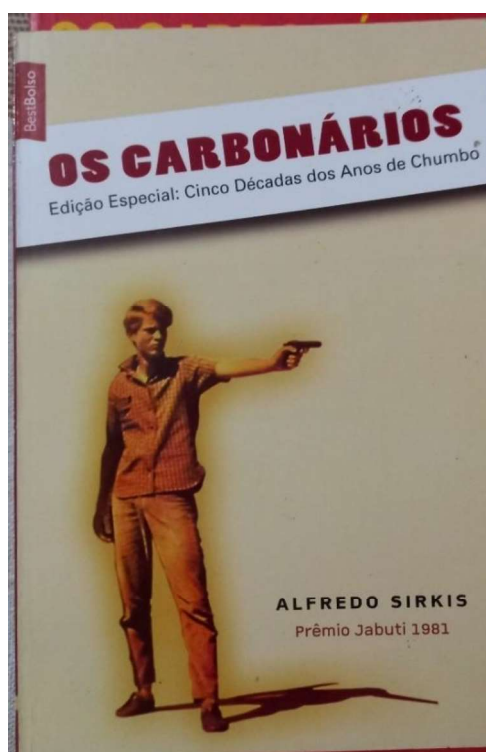
Fonte: arquivo do pesquisador.

A nova capa agora possui o fundo inteiramente branco, outras alterações também nos chamam atenção: o título é escrito agora em fonte preta, com somente as letras iniciais em maiúsculo; fora suprimido da capa (não somente, mas de qualquer referência interna do livro) o subtítulo “memórias da guerrilha perdida”; a imagem agora representa o próprio Alfredo Sirkis e é originária de seu acervo

(está referenciada na contracapa como “Sirkis treinando tiro ao alvo, em 1969”). Pensamos a supressão do subtítulo e a foto do autor como as alterações mais relevantes para a nossa problematização histórica. O livro agora não é mais uma contradição entre o ato de resistir, a rara vitória representada na imagem, dos militantes, e a derrota da guerrilha. Sirkis está ativo com o braço esticado, aponta para o horizonte em desafio e insurgência.

As expectativas de leitura e as relações com o Pacto Autobiográfico são completamente diferentes da capa original ou mesmo da segunda capa, de 1994. A primeira mensagem do livro não é mais a tensão entre a perda e a vitória. Agora a história é descortinada sob a ótica da ação, do movimento representado pelo ato de estender o braço e praticar tiro ao alvo. Tal ambientação continua sendo utilizada até as capas mais atuais da obra, em suas reedições de 2007 e 2014, o subtítulo também continua sendo suprimido.

Imagem 05 - capa de *Os Carbonários*, SIRKIS, 2014.



Fonte: arquivo do pesquisador.



A nova capa de 2014, além de suprimir o subtítulo original, acrescenta um novo exclusivo dessa reedição: “Cinco décadas dos anos de chumbo”. O ano em questão foi marcado por diversas publicações e reedições de textos acadêmicos e autobiográficos referente à efeméride dos 50 anos do golpe de 1964.

O novo “subtítulo”, assim, além de representar uma questão editorial, é uma demarcação narrativa sobre as disputas de memória referentes ao Golpe e às décadas de ditadura, também podemos discutir essa demarcação no novo prefácio exclusivo dessa mesma edição. Nele estão representadas duas personagens, a primeira é o próprio autor, o prefácio em si é também escrito em estilo autobiográfico. A segunda personagem é Nilton de Albuquerque Cerqueira, ex-comandante do Destacamento de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) em Salvador e chefe da *Operação Pajussara*<sup>14</sup>, ação que assassinou 6 militantes do MR-8, incluindo Carlos Lamarca e Iara Iavelberg (BRASIL, 2014c, página 196.)

Mil anos depois, em 1996, num pátio do Quartel Central do Corpo de Bombeiros, já secretário de Meio Ambiente da cidade do Rio de Janeiro, recebi uma medalha, uma homenagem pela minha colaboração com o destacamento de Bombeiros que combatem incêndios florestais, no Parque Nacional da Tijuca. Solenidade de ritual militar, e eis que, para minha surpresa, surge o então secretário de Segurança do governo do estado do Rio de Janeiro, para me entregar a condecoração. O general Nilton Cerqueira se aproximou com a medalha na mão e prendeu-a na lapela do meu paletó branco de listrinhas. Protocolarmente cumprimentou-me pelos serviços prestados aos soldados do fogo. Trocamos um seco aperto de mão. Não senti ódio, rancor ou raiva. Não senti simplesmente nada pelo homem que matou meu amigo Carlos Lamarca. Apenas um tremendo constrangimento, acredito, compartilhado. Lá estávamos nós, vinte e seis anos depois, ambos autoridades, num país diferente. (SIRKIS, 2014, página 12.)

É impactante a forma como Sirkis representa o encontro com o homem que participou e comandou as operações que culminaram com os assassinatos de muitos de seus companheiros, estando o mesmo envolvido diretamente em pelo menos um deles. O autor sente a necessidade de representar seus sentimentos perante a cena, de surpresa pelo acontecimento “inusitado”, as *ausências* de ódio, rancor ou raiva. Marca a forma como Sirkis representa o ausente pela afirmação, o autor poderia ter utilizado a palavra *indiferença* ou seus vários sinônimos, ao invés disso faz questão de demarcar, no papel pela tinta, aquilo que não sente.

---

<sup>14</sup> Ver arquivo virtual FVG-CPDOC, verbete CERQUEIRA, Nilton. Disponível em < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cerqueira-tilton> > Acessado em 03 de janeiro de 2022.

Lemos a referida passagem sobre uma ótica dialógica entre as metodologias históricas e a psicanálise lacaniana através de CERTEAU (2011, página 179.). A palavra escrita ou falada, para Lacan, sempre é uma expressão positiva, mesmo quando em conjunto de um advérbio de negação. Ao analisarmos o “não ódio”, “não rancor” ou a “não raiva”, podemos indicar então uma necessidade do autor, relacionada, assim supomos e problematizamos, com um conjunto de fatores sociais e históricos de demarcar essas três emoções. Traçamos então uma das discussões centrais do artigo como a emergência dessas três emoções, semelhantes entre si, mas com nuances importantes, no discurso de Sirkis e sua relação com o processo histórico referente as tensões e fissuras entre no “pacto autobiográfico” como uma representação do “passado real”.

### **Resumos e resenhas: Os carbonários nas edições e reedições de quarta capa**

Na introdução de seu *Seul* [Límiare], Gérard Genette define o paratexto como um “vestíbulo”, uma “orla”, ou uma “zona não só de transição, mas também de *transação*: um lugar privilegiado de pragmática e estratégia, de influência sobre o público [...] que [...] está a serviço de uma recepção melhor para o texto e uma leitura mais pertinente do mesmo.” E vai adiante para observar: “Os meio e modos de um paratexto mudam continuamente, dependendo do período, cultura, gênero, autor, obra e edição. Com graus diversos de pressão, às vezes variando amplamente.” (CHARTIER, 2017, p. 235)

A quarta capa de um livro, tendo aqui o livro como uma obra tipográfica na contemporaneidade ocidental<sup>15</sup>, é o texto, ou conjunto de textos, que encerra uma obra impressa. Ela está presente na cultura editorial brasileira do final do século XX e início do século XXI em diversos gêneros literários, acadêmicos e jornalísticos. Também é amplamente utilizada no nosso recorte específico das autobiografias. Das 24 edições e reedições de autobiografias analisadas aqui, 23 possuíam algum tipo de paratexto, como define Chartier, em suas quartas capas. Entre eles podemos ler resumos das obras feitos por editores não nomeados diretamente no paratexto em si, resenhas nomeadas realizadas por jornalistas, historiadores, críticos literários e outros escritores (por vezes personagens das mesmas obras), e resumos recortados da própria autobiografia.

A citação destacada acima nos é cara pela análise do autor sobre o local desses textos dentro de suas obras, um local, como afirma Chartier, historicizável e em permanente movimento, e sua relação com a sociedade onde a escrita e a edição foram realizadas, mas mais importante onde a leitura é projetada. Caracterizar a sinopse de quarta capa como uma “zona de transação” é entender a leitura

---

<sup>15</sup> Ver “O que é um livro?” em CHARTIER, 2014, p. 102.

de um livro como um ato social e histórico, portanto é em conjunto pensar a própria escrita e edição das autobiografias como um processo historicizado.

Comparar as quartas capas de edições diferentes da mesma obra, de obras diferentes publicadas na mesma década, no mesmo ano ou com diferenças de vinte anos, essa é a empreitada de estudo sobre essa zona de transição e em como podemos a partir do seu esforço de produção, que passa pelos autores e editores, problematizar as diversas relações entre o pacto autobiográfico, os trabalhos da memória e a leitura social da autobiografia.

Analisando os prefácios, posfácios e sinopses de quartas capas, podemos inferir uma preocupação em afirmar a veracidade da narrativa, uma relação com os documentos, com os profissionais que elaboram o passado (historiadores e jornalistas) e com a narrativa testemunhal propriamente dita. Podemos selecionar como exemplo, a título de comparação, a reedição de 2014 do livro de Gorender, *Combate nas Trevas*, publicado originalmente em 1987. O autor foi militante do PCB nos anos 1950 e 1960, durante a ditadura militar foi preso e torturado por se opor ao regime, em 1987 escreve pela primeira vez suas memórias.

Este livro nasce da fusão de uma extensa pesquisa historiográfica e da experiência do autor em sua luta contra a ditadura civil-militar que assolou o Brasil a partir de 1964. Jacob Gorender reconstrói as condições sociais e políticas à época do golpe, para depois analisar as diversas organizações de esquerda que se formaram ao longo destes anos – cujo ponto comum era a luta contra a ditadura de “trevas” –, evidenciando não só suas potencialidades, mas também os seus limites. Passados 50 anos do golpe civil-militar, este livro – originalmente publicado em 1987 – ainda guarda grande atualidade tanto por reconstruir o fio da memória histórica do país e da luta da classe trabalhadora, quanto por trazer elementos para uma necessária avaliação e (auto)crítica das organizações de esquerda à época. Tema que interessa tanto a pesquisadores quanto àqueles comprometidos com a transformação da realidade brasileira. (GORENDER, 2014).

Na quarta capa de GORENDER, citada acima, a “experiência” do autor vem em conjunto de uma “extensa pesquisa historiográfica”. Não podemos deixar de considerar as diversas aberturas de arquivos sobre a ditadura<sup>16</sup> militar, de 1964, características da segunda metade do século XXI, bem como as pesquisas e discussões ligadas às efemérides dos 50 anos do golpe em 2014, porém, como problematizamos ao longo deste trabalho, além dessa abertura característica, ainda em processo

---

<sup>16</sup> Em 2009 foi fundado o Banco de dados Memórias Reveladas que reúne informações sobre o acervo arquivístico relativo à repressão política no período 1964-1985 custodiado por diferentes entidades brasileiras, públicas e privadas. Além desse arquivo temos outras iniciativas como a lei de acesso a informação número 12.527 de 18 de novembro de 2011 e os processos relacionados a escrita do relatório final da Comissão Nacional da Verdade.

mesmo na sociedade “pós-pandemia”, há uma necessidade singular em amparar o “desnudar” da cicatriz com os novos documentos e as narrativas historiográficas. Vale ressaltar também essa dita “autocrítica da esquerda” proposta no paratexto. Tanto Gorender como Sirkis escrevem sob um lugar de muita crítica aos movimentos de resistência armada contra a ditadura. Para os dois, a “violência” da esquerda foi contraproducente em diversos momentos, Sirkis, por exemplo, também joga com a hipocrisia de um movimento contra o autoritarismo ser “autoritário” em certos momentos. Essas opiniões dos autores são localizadas nos processos de redemocratização e vinda de sujeitos históricos que presenciaram a luta armada ser criada e falhar no Brasil. Este artigo não compactua com tais juízos de valor, apesar de entender seus contextos de produção.

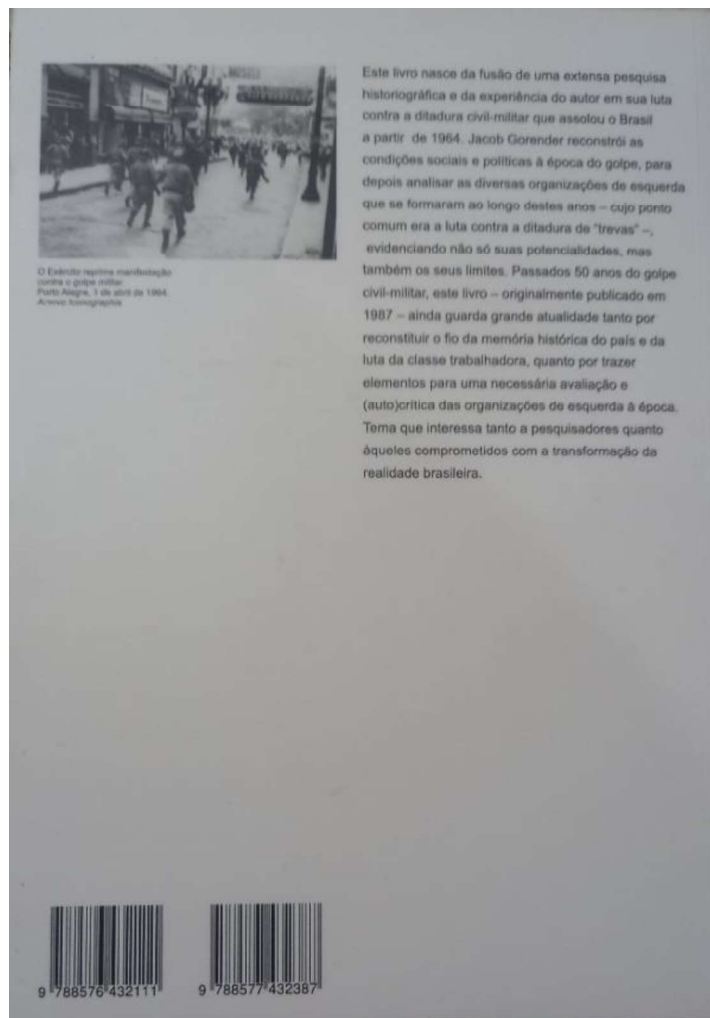
O texto não possui nomeação clara no livro, mas podemos supor que não foi escrito pelo próprio Gorender, o autor faleceu em 2013 e a edição aqui analisada, da Expressão Popular<sup>17</sup> de 2014. Assim, supomos que sua escrita foi pensada pelo editor da obra e aprovada pela família do autor ou algum sujeito em controle de sua obra intelectual para a publicação. O paratexto é sustentado por um fundo completamente branco, a estrutura da capa é dividida em duas colunas: na direita está impresso o texto de resumo, justificado para a esquerda e escrito em fonte reduzida; a esquerda uma foto do 1 de abril de 1964 intitulada “Exército reprime manifestação contra o golpe militar”<sup>18</sup>. Imagem e texto uma ao lado da outra em um diálogo não referenciado textualmente.

---

<sup>17</sup> “A Editora Expressão Popular foi fundada em 1999. Uma iniciativa popular para produzir livros de qualidade e a preços acessíveis. Para atingir este objetivo, contamos com a solidariedade de todos os autores e autoras por meio da cessão dos direitos de criação, traduções ou imagens, da colaboração voluntária em etapa da produção do livro, parcerias editoriais e coedições. É o nosso compromisso com a construção de um novo mundo.” Ver: <https://expressaopopular.com.br/a-editora/> Acessado em: 6 de março de 2024. A editora possui uma linha editorial ligada as discussões progressistas, com a tradução de diversos teóricos do socialismo, anarquismo e pensadores sociais anticapitalistas contemporâneos.

<sup>18</sup> Imagem do jornalista Vladimir Sacchetta, do Acervo da Fundação Perseu Abramo.

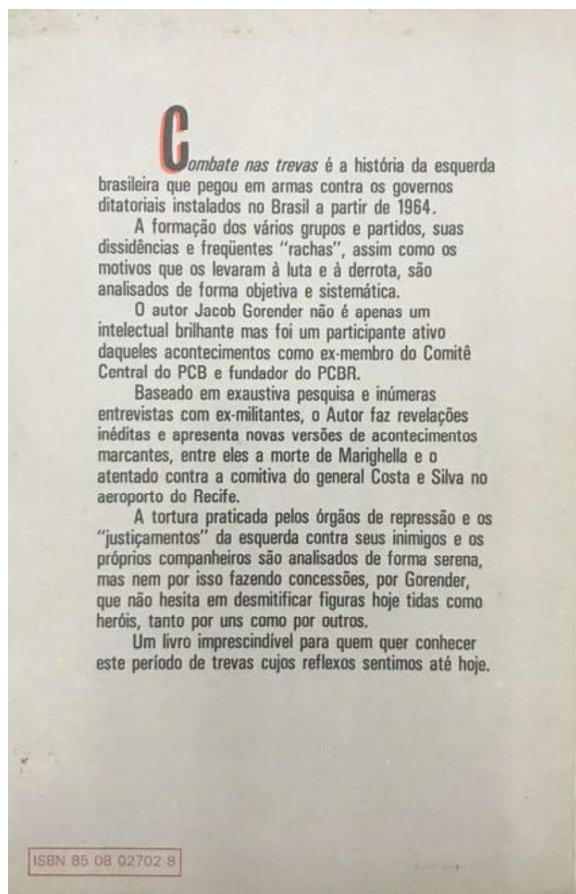
Imagem 06 - Quarta capa de *Combate nas trevas*, GORENDER, 2014.



Fonte: acervo do pesquisador.

Confrontando a quarta capa de 2014 com a primeira edição de 1987 temos um ponto interessante sobre o resumo:

Imagem 07 - Quarta capa de *Combate nas trevas*, GORENDER, 1987.



Fonte: acervo do pesquisador.

Não há uma justaposição entre texto e imagem ilustrativa. O texto se sustenta por si só. Mais do que isso: o suposto trabalho historiográfico, Gorender nunca possuiu uma formação institucional na disciplina histórica, mobilizado na edição de 2014 em conjunto com as experiências pessoais do autor não é destacado. Ao colocarmos a sinopse da quinta edição de GORENDER (2014) em perspectiva, a sinopse presente na quarta capa da primeira edição de SIRKIS (1980a) podemos destacar ainda mais singularidades nas escritas e edições para a problematização histórica:

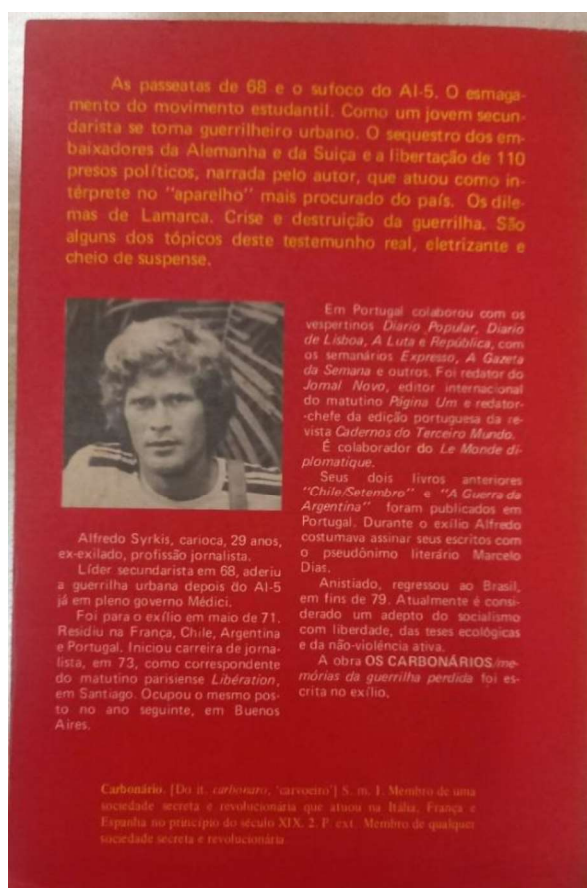
As passeatas de 68 e o sufoco do AI-5. O esmagamento do movimento estudantil. Como um jovem secundarista se torna guerrilheiro urbano. O sequestro dos embaixadores da Alemanha e da Suíça e a libertação de 110 presos políticos, narrada pelo autor, que atuou como intérprete no “aparelho” mais procurado do país. Os



dilemas de Lamarca. Crise e destruição da guerrilha. São alguns dos tópicos deste testemunho real, eletrizante e cheio de suspense. (SIRKIS, 1980a)

No texto de 1980, não é referenciada nenhuma fonte histórica ou documental para além do relato do autor, a sua narrativa é suficiente para atestar o passado elaborado na autobiografia. O passado referenciado quase em forma de tópicos na sinopse, a história de Sirkis é deslindada, como os fios de Ariadne, utilizando novamente uma metáfora grega, em ordem cronológica, a narrativa é posta como óbvia e familiar a todos. A quarta capa possui um plano de fundo vermelho vivo, o trecho é acima inicia a disposição gráfica de modo justificado e centralizado, a fonte é destacada pela cor amarela. Abaixo do resumo estão ainda uma pequena biografia do autor, sem autoria atribuída, provavelmente escrita pelo editor, e a sua foto, um autorretrato de 1968 do arquivo do próprio autor.

Imagem 08 - quarta capa de *Os Carbonários*, Sirkis, 1980a.



Fonte: acervo do pesquisador.

A sinopse original da primeira edição do texto de Sirkis está em acordo como o clássico pacto autobiográfico elaborado por Lejeune, onde o leitor, o autobiógrafo e o editor gravitam ao redor da “verdade” como intrínseca à narrativa. O vermelho vivo da cor do sangue demarcado com suas letras amarelas nos evoca, mais uma vez, a cicatriz de Ulisses e seu eco com o passado vivido, a experiência. Para Lejeune esse processo de leitura e escrita está marcado por essa atração, por essa percepção, mesmo que, como expresso de forma mais evidente nos textos de aniversário de vinte e cinco anos do *pacto autobiográfico* (LEJEUNE, 2014, p.81), de maneira metafórica ou nos meandros do subconsciente, mas a leitura e a “verdade” apontam para o mesmo horizonte de expectativas.

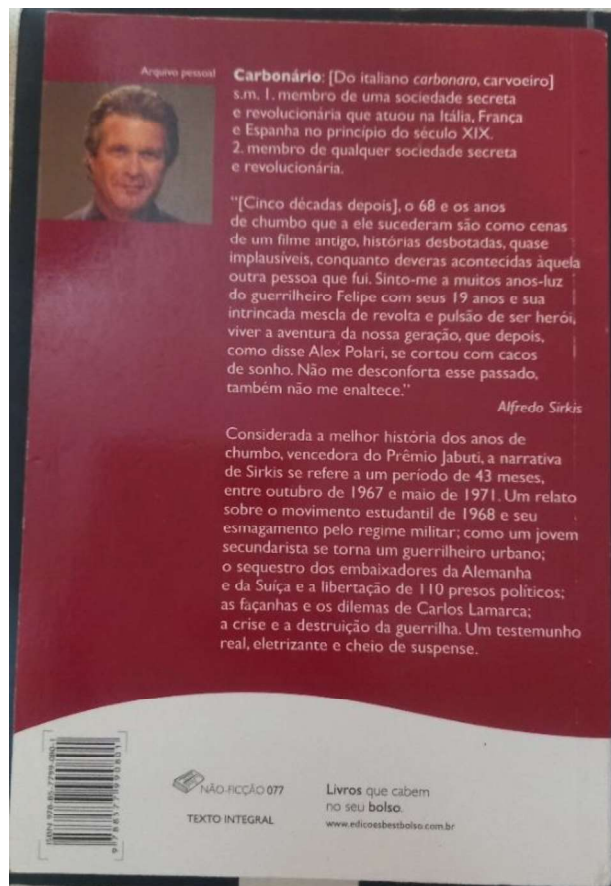
Analisemos agora um novo trecho presente na reedição de 2014 da obra de Sirkis, trata-se também de uma sinopse de quarta capa:

Considerado a melhor história dos anos de chumbo, vencedora do Prêmio Jabuti, a narrativa de Sirkis se refere a um período de 43 meses, entre outubro de 1967 e maio de 1971. Um relato sobre o movimento estudantil de 1968 e seu esmagamento pelo regime militar; como um jovem secundarista se torna um guerrilheiro urbano; o sequestro dos embaixadores da Alemanha e da Suíça e a libertação e 110 presos políticos; as façanhas e os dilemas de Carlos Lamarca; a crise e a destruição da guerrilha. Um testemunho real, eletrizante e cheio de suspense. (SIRKIS, 2014a)

Os dois textos são finalizados de forma bastante semelhante, a partir dos adjetivos “real”, “eletrizante” e do substantivo adjetivado “cheio de suspense”. Pensamos que a versão original de 1980 foi utilizada como base para as reedições, podemos observar ainda a semelhança na reedição de 1994, quando o “eletrizante” e “cheio de suspense” são suprimidos e em 2007. O “real” expresso na sinopse de todas as suas edições nos é ilustrativo dessa “atração gravitacional” do pacto. Nossa problematização não nega a sua existência em nenhum momento, apenas demarca sua historicidade.

Uma alteração significativa na sinopse base de *Os Carbonários* pode ser vista no seu início. Uma referência à premiação do *Prêmio Jabuti*, de 1981, e a apresentação como a “melhor história dos anos de chumbo”. Entendendo essas alterações como representativas da necessidade de se materializar as narrativas dissidentes sobre a ditadura em algo mais “sólido” do que a memória testemunhal. É preciso agora criar alicerces para essas narrativas, comprovações em documentos, em estudos de historiadores e jornalistas, em prêmios ou no simples epíteto da “melhor história”. Além disso, não podemos deixar de considerar a referência do prêmio como uma estratégia de *marketing* editorial para alavancar as vendas da obra. Entretanto, também é importante notar que a obra de Sirkis foi reeditada treze vezes ao longo de 34 anos e em duas editoras diferente (Editora Global e Editora BestBolso), a única vez que o prêmio é mencionado no resumo de quarta capa é na última edição, a de 2014.

Imagem 09 - quarta capa de *Os Carbonários*, SIRKIS, 2014.



Fonte: arquivo do autor.

Outro elemento novo é um texto extra, escrito e referenciado pelo próprio Alfredo Sirkis, mostrando uma marca da edição de 2014: suas relações com os 50 anos do golpe.

[Cinco décadas depois], o 68 e os anos de chumbo que a ele sucederam são como cenas de um filme antigo, histórias desbotadas, quase implausíveis, conquanto deveras acontecidas àquela outra pessoa que fui. Sinto-me a muitos anos-luz do guerrilheiro Felipe com seus 19 anos e sua intrincada mescla de revolta e pulsão de ser herói, viver a aventura da nossa geração, que depois, como disse Alex Polari, se cortou com cacos de sonho. Não me desconforta esse passado, também não me enaltece. (SIRKIS, 2014.)

A quarta capa da edição de 2014 é estruturada da seguinte forma: dividida em duas colunas desiguais, na coluna da direita temos três textos sobre a obra, dos quais dois já foram aqui citados, e o terceiro consistindo na descrição histórica do verbete *Carbonário*, descrição essa que também está presente nas edições da editora Global de 1980 e 1994:

[Do italiano *carbonaro*, carvoeiro] s.m. 1. Membro de uma sociedade secreta e revolucionária que atuou na Itália, França e Espanha no princípio do século XIX. 2. Membro de qualquer sociedade secreta e revolucionária. (SIRKIS, 2014.)

Na coluna da esquerda temos uma foto colorida, do próprio Alfredo Sirkis no ano de 2014, a imagem é quase uma três por quatro, com o enquadramento disposto ao redor de seu rosto. A fonte agora, diferente das primeiras edições, é branca sobre um fundo vermelho, dessa vez em tom de vinho.

Trabalhando os paratextos de quarta capa como um “local de transação” (CHARTIER, 2017.), uma produção feita com base no diálogo entre a intenção do autor, o horizonte de expectativas criado pelos editores sobre as possíveis leituras e suas relações com o mercado ou a sociedade à época; temos uma demarcação importante na edição de 2014: “[Cinco décadas depois]”. Como já dito acima, o texto é formulado pelo próprio autor e demarca o local histórico de marco dos 50 anos do golpe militar de 1964. Apesar de estar assinado, o único texto de quarta capa assinado que analisamos, inclusive, a existência dos colchetes na oração inicial nos remete a uma segunda autoria. Uma intervenção do editor talvez? Como já comentado, o ano de 2014 foi marcado por uma série de publicações e eventos ligados aos 50 anos do golpe militar. A escrita de Sirkis destoa desse tom por tratar do tema como algo superado, algo que pode ser debatido como um “passado morto e sepultado”. Veremos como essa forma de elaborar sua própria trajetória está inserida nos mesmos processos históricos a partir dos quais foram produzidas as buscas por “memória, verdade e justiça”. Como afirma CERTEAU (2011) as melodias da história são compostas por vibrações ressonantes e dissonantes.

Sirkis finaliza seu novo resumo demarcando sua relação com esse passado que foi elaborado por ele em *Os Carbonários* trinta e quatro anos antes: “não me desconforta esse passado, também não me enaltece”, abaixo desse enunciado temos o resumo já trabalhado aqui, feito com base nas primeiras edições da obra. Por quais razões o autor tem tamanha necessidade de expressar sua ausência de orgulho por seu passado? Ao mesmo tempo em que demarca sua lembrança saudável pela narrativa que não o deixa desconfortável? Infelizmente nunca poderemos realizar essas perguntas de forma direta a Sirkis, o autor faleceu em um trágico acidente automobilístico no ano de 2020, como já mencionado. Entretanto, mesmo sem conseguir respondê-las de forma direta, poderemos, a partir das reflexões históricas, começar a entender o local dessas demarcações dentro da sociedade brasileira e da obra do autor.

### Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: editora 34.

BRASIL, lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979.

BRASIL, lei nº 9.140, de 04 de dezembro de 1995.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. (2014a). Relatório da Comissão Nacional da Verdade (Vol. 1). Brasília, DF.

\_\_\_\_\_. (2014b). Relatório da Comissão Nacional da Verdade (Vol. 2). Brasília, DF.

\_\_\_\_\_. (2014c). Relatório da Comissão Nacional da Verdade (Vol. 3). Brasília, DF.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DE CERTEAU, Michel. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Jogos da memória: O Movimento Feminino Pela Anistia no Ceará (1976 – 1979)**. Fortaleza: INESP, UFC, 2012.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. **Combate nas trevas**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MONTENEGRO, A. T. (2012). As Ligas Camponesas às vésperas do golpe de 1964. *Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 29(02).

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados presentes: O golpe de 1964 e a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

\_\_\_\_\_. **A estratégia de acomodação na ditadura brasileira e a influência da cultura política**. Páginas / año 8 – nº 17 Mayo - Agosto / ISSN 1851-992X / pp. 9-25. 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte/São Paulo: UFMG/Companhia das Letras, 2007.

SIRKIS, Alfredo. **Os carbonários**. São Paulo: Global editora, 1980.

\_\_\_\_\_. **Os carbonários**. 5ª Edição. São Paulo: Global editora, 1980.

\_\_\_\_\_. **Os carbonários.** São Paulo: Global editora, 1994.

\_\_\_\_\_. **Os carbonários.** Rio de Janeiro: Bestbolso, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os carbonários.** Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.